

ETNOHISTÓRIA COMO ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NO ESTUDO DE POPULAÇÕES INDÍGENAS GUARANI

Ethnohistory as an interdisciplinary approach in the study of Guarani indigenous populations

Luís Fernando da Silva Laroque*

Neli Teresinha Galarce Machado*

André Jasper**

Letícia Zanon***

***Centro Universitário Univates**

Professor do Curso de Graduação em História e do Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento

Av. Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil – CEP: 95900-000
lflaroque@terra.com.br
ngalarce@univates.br

****Centro Universitário Univates**

Professor do Curso de Graduação em Biologia e do Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento

Av. Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil – CEP: 95900-000
ajasper@univates.br

*****Centro Universitário Univates**

Bolsista de Iniciação Científica

Av. Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil – CEP: 95900-000
leticiazanon90@gmail.com

RESUMO

Este estudo, utilizando-se da abordagem etnohistórica, trata sobre a atuação de lideranças Guarani em relação ao projeto envolvendo missionário jesuítico, no século XVII, em territórios do Brasil Meridional. O estudo tem como objetivo analisar a história das movimentações dos Guarani coloniais e os processos de ocupação de espaços localizados em territórios da Bacia Hidrográfica do Taquari/Antas, Pardo e Jacuí no Rio Grande do Sul. Do ponto de vista teórico-metodológico, as informações documentais que consistem dos registros anuais jesuíticos do século XVII da Coleção De Angelis, a revisão bibliográfica sobre os Guarani Coloniais e a identificação de sítios arqueológicos regionais, são analisadas a partir da abordagem etnohistórica. Inicialmente, trata-se dos limites e possibilidades da etnohistória como abordagem interdisciplinar. Logo a seguir, apresentam-se ocupações indígenas arqueológicas em territórios de Bacias hidrográficas e, por fim, analisam-se atuações indígenas Guarani e as reduções jesuíticas no território em estudo.

Palavras-chave: Etnohistória. Arqueologia. Guarani. Bacia Taquari-Antas.

ABSTRACT

This study, using the ethnohistoric approach, discusses the social action of Guarani leaders regarding the project involving the Jesuit missionary in the seventeenth century in territories of Southern Brazil. The investigation aims to analyze the history of the migration of colonial Guarani and the processes of spatial occupation in the River Basin Taquari/Antas, Pardo and Jacuí, in Rio Grande do Sul. From the theoretical and methodological point of view, the documented information that consists of Jesuit annual records of the seventeenth century of Angelis Collection, bibliographic review of the Colonial Guarani and the identification of regional archaeological sites is analyzed through

the ethnohistorical approach. Initially, the limits and possibilities of ethnohistory as an interdisciplinary approach are discussed. Then, the archaeological indigenous occupations in river basin areas are featured. Finally, the Guarani social action and the Jesuit reductions in the territory are considered.

Keywords: Ethnohistory; Archaeology; Guarani; Basin Taquari-Antas

1 INTRODUÇÃO

Os Guarani, pertencentes à Família Linguística Tupi-Guarani e Tradição Ceramista Tupi-guarani, eram também chamados de Carijós, Arachanes, Tapes, Patos, entre outras denominações. Informações produzidas por cronistas, expedicionários, viajantes e missionários jesuítas indicam que os Guarani no período pré-colonial e colonial, representavam uma expressiva densidade populacional no sul do Brasil e ocupavam territórios localizados em áreas do rio Uruguai, Jacuí, Pardo, Taquari-Antas, Lago Guaíba e a Laguna dos Patos. O estudo, com base em informações arqueológicas, documentais e bibliográficas, tem como objetivo analisar a história das movimentações dos Guarani coloniais e os processos de ocupação de espaços localizados em territórios da Bacia Hidrográfica do Taquari/Antas, Pardo e Jacuí no Rio Grande do Sul. Os aportes teóricos estão embasados em estudos de Seeger e Castro (1979), Clastres (1977 e 2003), Ramos (1988), Sahlins (1990), Prous (1992), Noelli (1993) e Haesbaert (2007 e 2010). A metodologia utiliza-se da revisão bibliográfica e da abordagem etnohistórica que, de forma interdisciplinar dialoga com saberes da Arqueologia e da História visando reconstituir vivências e historicidade de sociedades indígenas. As fontes utilizadas no estudo provêm de dados arqueológicos do Setor de Arqueologia da Univates e Cartas Anuas do Manuscrito coleção De Angelis, publicadas pela Biblioteca Nacional em 1969, organizado por Jaime Cortesão.

2 POSSIBILIDADES E LIMITES DA ETNOHISTÓRIA COMO ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Literalmente, a palavra Etnohistória significa “la historia de grupos étnicos o culturas”, que é usada similarmente em termos como etno-botânica, etno-medicina, entre outros (CARMACK, 1979, p. 31). Seu desenvolvimento está relacionado com o surgimento de uma nova perspectiva para as pesquisas históricas, arqueológicas e etnológicas, sendo considerado que tais pesquisas podem ser percebidas como formadoras de uma história americana holística (TRIGGER, 1982).

No que se refere a sociedades distintas e ágrafas, objetiva um repensar das histórias dos povos nativos da América, África, Austrália e ilhas do Pacífico no sentido de melhor entender o processo pelo qual cada etnia passou ao contatar com o sistema colonial e/ou nacional (CALEFFI, 1996). Ressalta-se ainda, embora com restrições e críticas¹, que também foi utilizada no próprio passado histórico europeu para o estudo do mundo rural, da história dos camponeses, do folclore, entre outros (BURGUIÈRE, 1978).

A tendência inicial do que conhecemos como Etnohistória², na historiografia francesa, aparece com a Nova História, precisamente a partir da terceira geração dos Annales. Isso ocorreu num momento de transformações e ruptura, no qual a História e a Antropologia, como ciências sociais, questionavam e disputavam o campo de abrangência ou domínio dos seus respectivos objetos de estudo, abrindo, conseqüentemente, por meio da interdisciplinaridade, um espaço para o cruzamento desses mesmos objetos.

Com a expansão do seu universo, a História precisou buscar novos ângulos e visões para conceber as perguntas e respostas que se faziam, uma vez que “[...] o diálogo entre a história e as ciências sociais tem tendências para privilegiar as relações entre história e antropologia, embora também se pense que a história abrange a sociologia” (LE GOFF, 1984, p. 237).

Na América, somente no século XX é que, gradativamente, os estudos e a aplicação da Etnohistória tomam corpo entre os pesquisadores. A primeira menção do termo data de 1909, feita por Clark Wissler, para se referir à utilização de documentos escritos e dados arqueológicos na escrita da história indígena (CAVALCANTE, 2011). Entretanto, é somente a partir de meados do século que muitas discussões sobre essa abordagem metodológica começam a surgir, isto porque nem todos que manejam a Etnohistória, direta ou indiretamente, possuem uma mesma linha de interpretação, a seu respeito, conforme percebemos pelo posicionamento de alguns estudiosos.

Nesse sentido, as tendências metodológicas sobre a utilização da Etnohistória na atualidade podem ser identificadas a partir de duas importantes vertentes: Uma delas, na qual não nos deteremos por estarmos priorizando a história indígena, está ligada à historiografia francesa, que estuda os processos de relacionamento da sociedade medieval, do mundo rural, do folclore, entre outros, onde “la etnohistoria obliga al historiador a recurrir a una diferenciación de tiempos de la historia y a prestar atención especial a los fenómenos tradicionales cuya evolución no es perceptible más que en la *longue durée*” (CARBONEL, 1993, p. 97, grifo do autor).

A outra vertente aparece no estudo das populações nativas da América, África, Austrália e Ilhas do Pacífico. Neste sentido, Cavalcante (2011) aponta para outras divisões na concepção do conceito, ou seja, entendendo a etnohistória como disciplina acadêmica independente, como compreensão e/ou representação dos povos indígenas sobre sua própria história e o tempo, como uma etnociência ou então como um método interdisciplinar. De forma breve, apresentaremos a posição adotada por alguns autores a respeito da etnohistória como disciplina e como abordagem metodológica.

Para a corrente que defende a Etno-história como disciplina, apontamos Ana María Lorandi e Mercedes del Río, que trabalham com populações andinas. Segundo essas autoras, a Etnohistória e a Antropologia são disciplinas independentes. Receberam forte influência do estruturalismo francês, liderado por Claude Lévi-Strauss, na análise das estruturas simbólicas, do parentesco, das relações sociais e da própria historicidade de populações indígenas do período pré-colonial, colonial e nacional.

[...] si partimos de que la Etnohistoria es una disciplina que comienza por reconocer la existencia de componentes culturales que tienen raíces étnicas, ningún análisis puede eludir la contextualización histórica en que se desenvuelve el desarrollo de la cultura. En este sentido, la influencia de Foucault debe encontrar sus límites naturales, porque de otra manera sería desconocer las situaciones coloniales y los efectos de los proyectos imperialistas sobre el desenvolvimiento de lo social y lo cultural. No se trata de una toma de posición ideológica, sino de la constatación de una realidad (LORANDI; DEL RÍO, 1992, p. 34).

Quanto à corrente que concebe a etno-história como abordagem metodológica, Cavalcante (2011) destaca, dentre os representantes, Manuela Carneiro da Cunha e Eduardo Viveiros de Castro. Nesse sentido, Manoela Carneiro da Cunha aponta para uma busca de percepção de como seria o significado e lugar que diferentes povos poderiam atribuir ao tempo. Segundo ambos os autores, a etno-história é “[...] entendida no seu sentido próprio de autoconcepções da história forjadas pelas diferentes sociedades indígenas [...]” (CASTRO; CUNHA *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 356).

Na concepção de Bartomeu Meliá, que estuda especificamente os Guarani, a etnohistória pode ser utilizada para se chegar ao conhecimento da história indígena desde que voltada para o entendimento dos esquemas e valores da sociedade estudada. Cavalcante (2011) ainda ressalta que, para trabalhar em uma perspectiva “êmica”, é necessário subverter a lógica temporal na qual estamos acostumados dentro da história ocidental. Para Carmack, há uma relação para os pesquisadores em etnohistória entre a história específica, a etnografia histórica e a história *folk*. Esta última é identificada por Cavalcante (2011) no mesmo sentido abordado por Cunha, Meliá e Castro, a qual seria o estudo da percepção que a sociedade tem sobre sua própria história.

Considerando a etnohistória uma etnociência, Cavalcante (2011) salienta que este entendimento ocorre devido à participação ativa de indígenas pesquisando a história na qual estão inseridos. Por outro lado, alerta que é importante observar a individualidade do pesquisador, mesmo que seja indígena. Deste modo, o indígena tem papel ativo na pesquisa, porém não pode ser visto como detentor da verdade.

A corrente que a entende como um método interdisciplinar apresenta a Etnohistória com algumas variantes. Alguns remetem para a interdisciplinaridade, conjugando dados da Arqueologia, História, Antropologia e Linguística.

Nessa primeira variante, o antropólogo Roque de Barros Laraia utiliza-se da Etnohistória como um instrumento metodológico para estudar populações Tupi (como os Suruí, Akuawa-Assurini, e Kaapor), recorrendo sempre que possível, às narrativas orais que o próprio grupo possui. Segundo ele, a “etno-história transformou-se no elo através do qual estão unidas duas disciplinas indissociáveis como a Antropologia e a História [...]” (LARAIA, 1984/1985, p. 27).

Por este mesmo caminho, Jiménez Núñez (1975) concebe a etnohistória como um método que pode ser colocado entre a História e a Antropologia. Propõe também a discussão de sua natureza e possibilidades em relação às ciências ou disciplinas para as quais serve de método.

Na concepção de Robert Carmack (1979), a Etnohistória não deve ser vista como uma disciplina independente, mas, sim, como um método que se utiliza de fontes antropológicas, arqueológicas³, orais e de documentação histórica.

Bruce Trigger também a vê como um método que se caracteriza principalmente pela interdisciplinaridade.

Mi propia opinión es que la historia nativa americana debe ser considerada como un campo interdisciplinario válido que en su totalidad requiere de contribuciones substanciales de los arqueólogos, etnohistoriadores y etnólogos. [...] Los antropólogos y arqueólogos comprometidos con el estudio de la historia y cultura nativas se beneficiaron substancialmente por las amplias perspectivas comparativas de sus disciplinas, así como por los hallazgos relacionados específicamente con los pueblos nativos de Norteamérica. Los historiadores se beneficiaron de modo similar por un conocimiento de los desarrollos en la historia, tanto mundial como con respecto a la sociedad euroamericana. Con la permanencia de muchos etnohistoriadores e historiadores de América nativa en departamentos de antropología, arqueología prehistórica e historia se garantizó un fructífero intercambio de información. [...] Como una metodología la etnohistoria tiene un importante papel que cumplir tanto en el estudio de la historia nativa como en las ciencias sociales en general. (TRIGGER, 1982, p. 51, 52).

O antropólogo José Otávio Catafesto de Souza (1991) nos parece entendê-la como uma abordagem metodológica, a qual se preocupa em estudar preferencialmente o documento que tem, necessariamente, como seu contraponto, o silêncio, mas o que não é completo, pois, se assim fosse, não existiria a Etnohistória.

Retomando Bartomeu Melià, podemos afirmar que a etnohistória é utilizada no sentido de revitalizar a história do povo Guarani, o qual é seu objeto de pesquisa nos últimos anos. Para isso, recorre também a fontes escritas, orais e às experiências antropológicas que adquiriu no convívio com esta sociedade.

A etno-história que, pelo menos intencionalmente, visa à compreensão do processo vivido por um povo indígena desde as categorias e modos de ser do índio, pressupõe uma antropologia contraposta à história de uma etnia a partir das categorias culturais de outra sociedade. Não é de estranhar, pois, que a etno-história guarani tenha se desenvolvido contemporaneamente à sua antropologia (MELIÀ; SAUL; MURARO, 1987, p. 67).

Segundo a historiadora Paula Caleffi (1996), a etnohistória adquire um caráter de profunda importância no estudo das distintas culturas do Ocidente e no repensar da história americana no que se refere à sua pré-história e história. No que trata especificamente de historicidades indígenas Guarani, temos a obra “Missões, Militância Indigenista e Protagonismo Indígena” (2012), organizada respectivamente por Protásio Paulo Langer e Graziela Chamorro. Corroborando a respeito dos diálogos interdisciplinares da etnohistória, Thiago Cavalcante informa o seguinte:

Os primeiros passos da etno-história foram dados por antropólogos, mas com o passar do tempo vários historiadores e também outros pesquisadores, como, por exemplo, geógrafos e arqueólogos, passaram a se interessar pela problemática. Assim a etno-história caminhou para se consolidar como um método que congrega, principalmente, aportes da antropologia e da história, mas também e com grande importância de outras disciplinas, tais como a arqueologia e a linguística, por exemplo (CAVALCANTE, 2011, p. 353).

Considerando as tendências discutidas, nos posicionamos com maior simpatia para a corrente que entende a etnohistória como uma abordagem metodológica, respeitando, é claro, suas possibilidades e limites. Isso porque, no estudo das populações indígenas americanas, a etnohistória encontra a possibilidade de relativizar a história contada pelo colonizador, que trata as sociedades indígenas como simples e estáticas, tendo, com isso, a tarefa de trabalhar no sentido de reverter essa situação.

Esta é a opção de análise que estaremos trabalhando neste estudo que aborda os Guarani em territórios das bacias hidrográficas Taquari-Antas, Pardo e Jacuí, no Rio Grande do Sul. Reforçamos a premissa da etnohistória como abordagem metodológica em função de não se tratar de um método em si, mas uma abordagem que utiliza dados com origem em diversas áreas do conhecimento. Ilustram esta tendência trabalhos mais recentes como, por exemplo, “A Etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira” (2009), de Ana Paula Loures de Oliveira, “Etnohistória: superação da negação ontológica da diferença” (2012), de João Filipe Domingues Brasil e Neimar Machado de Souza, “Etno-história na oralidade Xakriabá: retomando o rio São Francisco em Minas Gerais, Brasil” (2012), de Rodrigo Martins Santos e Ludivine Eloy, bem como o estudo que trata especificamente dos Guarani, cujo título é “A história indígena nas epistemologias coloniais” (2012), de Protásio Paulo Langer.

Por outro lado, ao considerarmos as fontes escritas como fundamentais num estudo etnohistórico, observamos que elas impõem um limite temporal, uma vez que a grande maioria das populações nativas da América, África, Ilhas do Pacífico, etc. somente tiveram registros escritos com a instalação da sociedade colonial em suas regiões. Este limite só pode ser parcialmente superado quando recorreremos à tradição oral por meio dos relatos míticos ou aos dados arqueológicos. Para além deste problema é importante ressaltar a cautela necessária na interpretação da documentação escrita, levando em consideração seu contexto (CAVALCANTE, 2011).

Pelo fato de a etnohistória ser interdisciplinar suas possibilidades e limites também estão relacionadas ao avanço dos conhecimentos históricos, arqueológicos, antropológicos e orais⁴, pois é sobre eles que esta abordagem pode ser utilizada como metodologia de estudo.

A presente pesquisa visa analisar a história indígena Guarani em territórios das bacias dos rios Taquari-Antas, Pardo e Jacuí, na perspectiva em que os indígenas atuam como sujeitos que fazem sua própria história - como é o caso do estudo “Índios e brancos no Vale do Taquari durante os séculos XVI e XVII” (2006) de Alex Weirich, “O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari – Rio Grande do Sul” (2008) de Marcos Rogério Kreutz e “Do Taiaçuapé a Colinas” (2008) de Neli Teresinha Galarce Machado, Eduardo Relly e Patrícia Schneider - e não apenas vistos como vítimas da sociedade colonial/nacional. Neste sentido, a etnohistória como abordagem interdisciplinar é relevante, pois abarca a articulação de informações provenientes dos registros escritos e da cultura material. Enfatizamos tal premissa porque essa

abordagem metodológica contribui para uma revisão hermenêutica durante a leitura e a interpretação das fontes trabalhadas, em que o objeto de estudo e os sujeitos cognocentes passam a ser relativizados como individualidades explicitamente conhecidas. Nesse sentido, embora estejamos limitados a trabalhar com fontes documentais escritas por padres, engenheiros, viajantes, militares, legisladores e agências oficiais, que relatam a história oficial do não índio, é possível vislumbrar nas entrelinhas, mesmo que em parte, as historicidades indígenas.

O mesmo acontece no manuseio das fontes bibliográficas de historiadores, antropólogos, arqueólogos, entre outras, que, ao serem tratadas considerando esta abordagem, permitem complementar e ampliar as historicidades Guarani. É necessário termos presente que nenhuma dessas fontes é neutra, o que, se por um lado impõe limites, por outro surge como um desafio a ser transposto para o estudo das populações indígenas tanto do passado como do presente.

3 OCUPAÇÕES INDÍGENAS NO PERÍODO DO PRÉ-CONTATO EM TERRITÓRIOS DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS TAQUARI-ANTAS, PARDO E JACUÍ

Os estudos arqueológicos têm demonstrado que territórios das bacias do Taquari-Antas, Pardo e Jacuí foram densamente habitados no período pré-contato por sociedades indígenas. Neste sentido, tratando-se de espacialidades indígenas no período do pré-contato, contato e pós-contato com os ibéricos em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, Pardo e Jacuí, é possível apontar como trabalhos preliminares, prospecções arqueológicas na década de 1960, realizadas por Pedro Ignácio Schmitz e, na década de 1980, por Pedro Mentz Ribeiro e, nas últimas décadas, precisamente desde 2000, as pesquisas realizadas pelo Setor de Arqueologia do Centro Universitário. As evidências provenientes de prospecções e análises revelam a presença das tradições tecnológicas Tupi-guarani e Taquara, no que se refere à Tradição Tupi-guarani que contribui para as concepções de territorialidade desta etnia.

É importante informar que, na visão das sociedades indígenas, o conceito de território não é apenas o lugar geográfico de onde são obtidos os recursos para a subsistência, como também um espaço “de dimensões sócio-político-cosmológicas mais amplas” (SEEGER; CASTRO, 1979, p. 104). Outra autora que contribui para a discussão é Alcida Rita Ramos (1988, p. 14), ao pontuar que a concepção de limite territorial não é estranha às sociedades indígenas, mas sim “o sentido de exclusividade e de policiamento de um território” nos moldes concebidos pelos Estados Nacionais Ibéricos; portanto, as situações envolvendo os contatos dos Guarani com os demais indígenas, tais como Charrua, Minuano, Kaingang, Xokleng e seus antepassados não devem ser tão rígidas pois, mesmo guerreando no estabelecendo alianças entre si, conviveram no mesmo território há séculos, situação que, em nosso ponto de vista, também será projetada em relação aos missionários e demais integrantes da Companhia de Jesus.

Rogério Haesbaert (2007), ao tratar sobre a tríade de processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, também se refere a respeito desta dimensão simbólica e cultural na produção do espaço territorial, o que coaduna com a perspectiva Guarani em estudo.

Considerando o território Guarani a partir desta perspectiva, são identificados o *Guará*, o *Tekohá* e o *Teiã* como unidades de organização (MONTROYA *apud* NOELLI, 1993). Segundo Francisco Noelli, “alguns *guará* seriam compostos por até quarenta aldeias unidas por laços de parentesco e reciprocidade, com vida material e simbólica comum” (NOELLI, 1993, p. 248-249). Seria um espaço de alianças delimitado por acidentes geográficos ou relações entre os grupos. Como subdivisão do *Guará*, verifica-se: os *Tekohá*, que, segundo Meliá, era o lugar no qual se davam as condições que possibilitavam a subsistência; e o modo de ser Guarani, o *Tekó*. Um *Tekohá* é uma “aglomeração aldeã”, uma “coexistência ordenada por laços de parentesco e reciprocidade” (NOELLI, 1993, p. 249). Sobre o *tekohá*, temos a seguinte definição.

[...] unidade sociológica que reúne várias parentelas, articula-se em torno da figura de um prestigiado líder político ou religioso. Esse líder tem a capacidade de reunir em torno de si um significativo número de núcleos residenciais de parentelas (PEREIRA *apud* NOELLI, 1993, p. 250).

Os *Teiî* eram as famílias extensas ligadas por laços de parentesco e político as quais viviam nos *Tekohá*. Para Susnik (*apud* NOELLI, 1993), o *Teii* é a representação concreta da família patrilinear, por sua vez subdivididas em famílias constituídas em média por seis pessoas. As aldeias poderiam possuir até seis *Teii*, segundo relatos de Montoya (*apud* NOELLI, 1993). Um *Teii oga* seria a casa da família extensa: poderiam abrigar até sessenta famílias nucleares (SUSNIK *apud* NOELLI, 1993, p. 250).

No que se refere aos dados arqueológicos utilizados neste estudo vamos nos ater aos vestígios da Tradição Tupi-guarani, que se encontra associada à sociedade Guarani do pós-contato, bem como aos estudos linguísticos da família Tupi-Guarani. Segundo Prous (1992), existem controvérsias no modelo, pois há situações em que grupos históricos da família Linguística Tupi-guarani não produzem cerâmica. Entretanto, Catafesto de Souza (2002) enfatiza o seguinte:

[...] há uma correspondência entre os níveis cosmológico, lingüístico, social, econômico e tecnológico para o caso dos Guarani, o que torna plausível utilizar-se da analogia e da comparação entre os seguintes tipos de informações: a) extraídas dos sítios arqueológicos com cerâmica Guarani; b) levantadas na leitura de documentos coloniais; e c) resultantes de pesquisas etnográficas e etnológicas publicadas sobre grupos ameríndios (SOUZA, 2002, p. 212).

No entender de Prous (1992), é possível delinear ocupações territoriais indígenas que envolvem o relevo, a vegetação e a hidrografia, pontos que estão intimamente relacionados com a manutenção do modo de vida Guarani. No caso em estudo, as evidências arqueológicas têm demonstrado que integrantes da Tradição Tupi-guarani estabelecem-se em territórios da bacia hidrográfica Taquari-Antas, bem como para territórios tanto dos rios Pardo como Jacuí. Segundo Prous (1992), a localização de sítios mais altos no Rio Grande do Sul está ligada à presença ibérica, pois, ao longo da concretização de seu avanço, mobilizava os indígenas para territórios mais altos, conseqüentemente afastando os grupos dos rios maiores e aproximando-os de rios navegáveis em zonas de mata.

[...] portanto, a ocupação corresponde à rede hidrográfica principal, como se fosse uma teia de aranha entre os fios da qual subsistiriam ilhotas abandonadas aos tradicionais habitantes da região que sobreviveram nos relevos, que os Tupiguaranis canoieiros não cobiçavam e onde evitavam aventurar-se [...] (PROUS, 1992, p. 373).

Salienta-se também que além do meio hídrico, os Guarani utilizavam caminhos terrestres, atravessando planaltos e planícies cobertos de matas, como por exemplo, o *Peabiru*, características que se aproximam da cartografia territorial da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, Pardo e Jacuí, foco deste estudo. Segundo relatos de cronistas, este caminho indígena no século XVI possibilitou o contato do litoral brasileiro com o Paraguai (PROUS, 1992).

No período do Pré-Contato, o espaço compreendido entre os rios Paranapanema e Jacuí (PROUS, 1992) é considerado como tradicional território Guarani. Desse modo, a delimitação espacial da bacia Taquari-Antas, Pardo, bem como a do Jacuí, conforme referido insere-se neste contexto. Considerando ainda estudos de Prous (1992), podemos afirmar que a região do Vale do Taquari e adjacência, onde se localizam territórios das bacias Taquari-Antas, Pardo e Jacuí, em

decorrência de suas características físicas, tais como o relevo, vegetação e hidrografia, podem ser identificados como locais favoráveis para a ocupação espacial da sociedade horticultora.

Tratando-se do território em sua perspectiva regional como arte-fato para a construção de singularidades a escala como entidade socioespacial material, temos o seguinte:

O ‘construído’ não precisa, portanto, ficar reduzido ao campo do conhecimento, pois os próprios fenômenos compõem esta ‘realidade construtiva’, na qual não somente o humano e seu intelecto re-constroem o mundo como a própria dimensão ‘não humana’ de alguma forma participa como ‘act(u)antes’ [...] neste processo. O espaço, neste sentido, abordado de modo relacional, longe de aparecer como um palco ou um ‘teatro’, torna-se parte integrante e indissociável das próprias relações sociais, constituinte inerente à condição do humano e do social (HAESBAERT, 2010, p. 15).

Estudos de Rogge (2004) apresentam a dispersão dos portadores da Tradição Tecnológica Tupi-guarani no atual estado do Rio Grande do Sul. Identifica o movimento de colonização das várzeas férteis inicialmente dos rios de maior porte, no sentido oeste a leste. Os tupi-guarani teriam partido do baixo Paraná, seguindo pelos rios Uruguai, Ijuí e Jacuí. Rogge (2004), utilizando-se de Ferrari, informa que a Tradição Tupi-guarani teria penetrado em territórios do Rio Grande do Sul no período próximo da Era Cristã ou pouco antes. As datas mais antigas são do rio Jacuí, mas a rota de dispersão teria partido, anteriormente, do rio Ijuí e, posteriormente, entrado no rio Jacuí. O arqueólogo Sérgio Klamt defende uma ocupação em torno do século II até o fim do século XVIII (KLAMT, 2004). Nesse processo de dispersão, conforme é possível observar no mapa (Figura 1), por volta dos séculos IX e XIII os tupi-guarani passaram a ocupar as várzeas férteis da margem esquerda do rio Jacuí e, posteriormente, as porções mais altas e estreitas dos vales dos rios (BROCHADO; SCHMITZ; RIBEIRO *apud* ROGGE, 2004).

É possível que a bacia Taquari-Antas faça parte deste processo e tenha sido ocupada pelos portadores da Tradição Tupi-guarani após o século XIII. Sobre territórios dessa bacia, as datas radiocarbônicas disponíveis são de Cal 1470 a. D. (Beta 205841), para o sítio RS-NA: 42, Favaretto escavação, localizado no médio Antas (MACHADO; SCHNEIDER; SCHNEIDER 2008, p. 129) e 1390 a. D. (Beta 249391) para o sítio RS-T-114 no rio Forqueta, afluente do rio Taquari (FIEGENBAUM, 2009).

4 INDÍGENAS GUARANI E AS REDUÇÕES JESUÍTICAS NAS BACIAS DOS RIOS TAQUARI-ANTAS, PARDO E JACUÍ

Ao analisarmos as cartas ânuas redigidas por jesuítas, é preciso considerar o contexto em que estes escritores se inserem bem como as marcas etnocêntricas dos relatos, tanto no que se refere à cartografia dos espaços ameríndios previamente concebidos e renomeados pelas coroas ibéricas pelos tratados, quanto pelo anulamento dos indígenas Guarani, como protagonistas e sujeitos históricos. A narrativa é marcada pelo ideário cristão ocidental. Edgard Ferreira Neto (1997), especialista na questão de representações sobre os indígenas no Brasil Colonial, destaca:

A concepção cristã medieval sobre o diálogo da cristandade com outras culturas era essencialmente autocentrada: fundava-se numa suposta superioridade da religião cristã sobre as outras que existiam no mundo e, conseqüentemente, da sociedade cristã – fruto de uma revelação religiosa/histórica – sobre todas as demais (FERREIRA NETO, 1997, p. 313).

Reavaliando a questão, Pierre Clastres, na obra “A sociedade contra o Estado” (2003, p. 16), indica que “povos sem escrita não são menos adultos do que as sociedades letradas. Sua

história é tão profunda quanto a nossa”. Portanto, como limite para análise temos a documentação jesuítica que apresenta os indígenas a partir da visão etnocêntrica europeia, porém, como possibilidade, recorreremos às pesquisas arqueológicas e a trabalhos que apresentam as sociedades sem escrita como sujeitos e protagonistas.

O recorte temporal contempla as experiências missionárias jesuíticas em sua primeira fase no Brasil Meridional. Relativamente a esta frente expansionista do projeto colonial, utilizamos três cartas provenientes das reduções de São Nicolau, Jesus Maria e Santa Teresa, redigidas respectivamente por Pedro Romero (1633), Francisco Dias Taño (1635) e Francisco Ximenez (1635), as quais estão publicadas na obra “Manuscritos da Coleção De Angelis” (1969), com introdução e notas de Jaime Cortesão. A abordagem etnohistórica é utilizada com vistas a análise das fontes documentais e bibliográficas, articulada à cultura material arqueológica no sentido de recompor o cenário das movimentações Guarani em territórios das bacias do Taquari-Antas, Pardo e Jacuí, onde as lideranças Guarani são tomadas como fio condutor no intuito de analisar sentidos de movimentações territoriais, bem como possibilidade de historicidades indígenas.

A primeira das cartas fora endereçada ao provincial Diego de Boroa, “Carta Anua de Las misiones del Parana y Uruguay de la Comp. de Jesus, del ano de 1633”, que presta contas sobre as reduções existentes no período. Neste documento, há informações sobre o início das reduções de Jesus Maria e Santa Teresa, além da já existente São Joaquim. A outra carta que estamos utilizando foi enviada ao superior, com descrição de “Relación del Pe Francisco Dias Taño sobre el estado de las reducciones de los Tapes”, de 1635. Nesta, o Pe. Francisco Dias Taño relata as movimentações dos indígenas com relação à redução de Jesus Maria. A terceira carta trata-se do documento onde Francisco Ximenez relata sobre sua ida, em 1635, ao rio Tebiquari (Taquari), a partir da redução de Santa Teresa. Um estudo relevante para análise das historicidades Guarani no território em questão é o trabalho de Ítala Irene Basile Becker: “Lideranças indígenas no começo das reduções jesuíticas da província do Paraguay” (1992), que aborda as lideranças Guarani que atuaram nas províncias localizadas no Guayrá, Paraguay, Itatim Uruguay e Tape.

Nesse sentido, é importante salientar que, no século XVI, a Sociedade Guarani, de maneira geral, encontrava-se no território compreendido desde o rio Paraguai até o Oceano Atlântico, numa área de aproximadamente 4.000 km de extensão. Na documentação os Guarani são denominados como Carijós, Arachanes, Patos, entre outros. Salienta-se também que os indígenas Guarani organizavam-se em agrupamentos que poderiam conter dezenas e centenas de indivíduos. Cada agrupamento tinha uma liderança política e também uma liderança espiritual, com possibilidade de um líder político também ser espiritual ou vice-versa.

A política indígena de guerra ou aliança constitui eventos tomados neste estudo como momentos de historicidade Guarani. Ilustra a questão o episódio envolvendo a morte do Pe. Cristóvão de Mendonza por líderes Guarani, bem como a intenção de fazer o mesmo com os padres da redução Jesus Maria. No relato do Pe. Francisco Dias Taño, ao chegar à redução de Jesus Maria, menciona que havia poucas lideranças indígenas, e as habitações que restavam estavam sendo desmontadas para atear fogo. Os principais Guarani, propagadores dessas mudanças, seriam os líderes espirituais (Xamã, Carafbas), que percorriam o território, alertando sobre os males aos quais ficariam expostos, caso permanecessem na redução.

[...] decían q ellos eran dioses y criaban los maisales y comida y eran senores de las fantasmas de los montes de los itaquiceyas y de los ybitipos y que los tigres andaban a su voluntad y mataban a los q ellos querian y q los Primeros q avian de Perecer avian de ser los baqueros y ybirapondaras y los q se haçian Xpianos y q los q trabajavan en el pueblo se les avia de perder las comidas, y en esta ocasion comenzaban a sembrar y los ratones comenzaron a haçer gran dano en los sembrados y ellos decían q por su orden se haçia con q se comensó la gente a huir del pueblo y a no haçer sus chacaras aunq las tenian bien roçadas y los baqueros y

carpinteros se desaparecieron de suerte q qdo yo llegué no avia casi nadie en el pueblo (DIAS TAÑO, 1635 *apud* CORTESÃO, 1969, p. 106-107).

Neste contexto, a Liderança *Ybapiri* que se encontrava em territórios entre os rios Taquari Antas e Caí, conforme mapa (Figura 2) conversava com as demais parcialidades guarani para deflagrarem guerra aos jesuítas. O cacique *Ybapiri*, recorrendo à cosmologia Guarani, relatava ter adotado este nome, no tempo em que convivia com uma liderança que tinha aliança com os jesuítas e que isto levou à morte daquele, mas agora tinha retornado para a vida que fazia parte do tempo dos antigos. Um grupo Guarani que ouvira o relato de *Ybapiri* e, posteriormente, a fala de Dias Taño se encontrava indeciso sobre a quem seguir. Mesmo assim, a parcialidade Guarani optou pela aliança com o jesuíta, e isto ficou claro quando retornaram no dia seguinte com arcos e flechas, dispostos a guerrear com *Ybapiri*. A investida foi fracassada, pois não o encontraram, porém levaram até a redução Jesus Maria outros “feiticeiros” das aldeias próximas.

Portanto, a presença dos missionários em territórios indígenas onde situações de alianças ou de guerras eram avaliadas nos próprios termos Guarani é que vão permitir ou não a continuidade do projeto ibérico. A respeito de alianças e guerras nas sociedades ameríndias, temos:

Ya hemos indicado que, por la voluntad de independencia política y el dominio exclusivo de su territorio manifestado por cada comunidad, la posibilidad de la guerra está inmediatamente inscrito en el funcionamiento de estas sociedades: la sociedad primitiva es el lugar del estado de guerra permanente. Vemos ahora que la búsqueda de alianzas depende de la guerra efectiva, que hay una prioridad sociológica de la guerra sobre la alianza. Aquí se anuda la verdadera relación entre el intercambio y la guerra. [...] Precisamente a los grupos implicados en las redes de alianza, los socios del intercambio son los aliados, *la esfera del intercambio recubre exactamente la de la alianza*. Esto no significa, claro está, que de no haber alianza no habría intercambio: éste se encontraría circunscrito al espacio de la comunidad en el seno de la cual no deja de operar nunca, sería estrictamente intracomunitario (CLASTRES, 1977, p. 207, grifos do autor).

Há também registros de que o cacique Antônio *Carayuchuré*, da redução Jesus Maria, tomou conhecimento sobre uma reunião de lideranças no *Tayaçuape*, área montanhosa localizada em territórios da margem esquerda do rio Taquari-Antas. Esta liderança e a parcialidade liderada pelo Cacique *Chemboabate*, seu filho *Yeguacaporu*, bem como seu irmão *Yaguarobi*, que têm algumas das movimentações indicadas no mapa (Figura 2) são descritas por Dias Taño como aliadas dos portugueses. Tanto *Chemboabate* como *Yaguarobi* e *Yeguacaporu* são apontados como lideranças espirituais e teriam como aliado um “*gran dançador*” que usava um colete feito com pele de anta e seria filho de português. Este “*gran dançador*” estaria dissimulando informações sobre sua presença no território, dizendo que “*yeguacaporu avia muerto y q chemboabaete avia ahogadose en el Rio y q yaguarobi venia huyendo de los Portugueses*” (DIAS TAÑO *apud* CORTESÃO, 1969, p. 107). No entender de Dias Taño, esta seria uma estratégia visando convencer os demais grupos Guarani a aliarem-se a eles. Uniram-se no *Cariroi* (que possivelmente localizava-se próximo ao rio *Mbocariroi* [rio Antas]) e foram até o *Pirayubi*, onde encontraram segundo Dias Taño, o chamado *apiçayre*, “comedor de carne humana”.

O grupo, liderado possivelmente pelo Cacique *Ybapiri*, que se fortalecia mediante alianças intertribais para refutar a presença dos jesuítas, movimentava-se convencendo outros grupos Guarani que viviam em territórios entre os rios Taquari-Antas e Pardos como, por exemplo, os que estavam nas reduções de São Joaquim e São Cristóvão, a unirem-se a eles. Foram até o *Tayaçuape*, utilizando-se de novas denominações e fizeram grande reunião com parcialidades Guarani. Na ocasião, combinaram estratégias de oposição às reduções de Jesus Maria, São Cristóvão e São Joaquim, projetando fechar os caminhos, inclusive interromper a troca das cartas que ocorria entre

os jesuítas. Sabendo disso, os padres teriam articulado e reunido forças desde as reduções de Santa Ana, São Cristóvão e São Joaquim para se fazerem presentes na reunião dos descontentes. O saldo do encontro foi a aparente dispersão do grupo de oposição com a morte de Guarani. Cabe destacar que a narrativa jesuítica não descreve as mortes dos seus aliados, com exceção de um afogamento no caminho de ida, enaltecendo apenas mortes dos Guarani inimigos. O embate teria levado à morte *Yguacaporú* e a movimentação de *Chemboabate* rio *Mbocaroi* acima (rio Guaraporé), até as proximidades da redução de Santa Teresa, como é possível observar no mapa (Figura 2). Sobre este evento, Dias Taño afirma o seguinte:

[...] al parecer tenemos toda la frontera contra nosotros: los ybianguaras q mataron el Sto Padre Xpval y estos del caatimé y del caamomé y los del tayaçuape Pirayubi y tebiquari y de alli hasta el cariroy les ayudan los de guaybirenda tambien mu de los Portugueses, con q emos dudado muchas veçes y si es esto traça dellos y si fue verdad de q les an muerto (DIAS TAÑO *apud* CORTESÃO, 1969, p. 111).

O autor ainda aponta a possibilidade de o grupo do Cacique *Ybapiri*, e de lideranças aliadas, terem sido os responsáveis pela morte do padre Cristóvão de Mendonza. Porém, pondera que, para serem os mesmos, precisariam ter andado muito para os encontrar. Sobre a possibilidade de serem aliados dos portugueses, Dias Taño afirma por fim que *Yeguacaporu* não seria guiado por outro que não os “bellacos hechiceros”, possivelmente lideranças espirituais.

Já na viagem de Ximenez ao *Tebiquari*, escrita no mesmo ano, descreve situações vivenciadas ao longo dos rios *Mbocaroi*, *Tebiquari* e *Mboapari* (respectivamente rios Guraporé, Taquari e Antas). Algumas das lideranças que atuavam em territórios do *Mbocaroi* deixaram em aberto a possibilidade de aliança com Ximenez.

[...] esté enfadado dellos, dexo ya su mal trato habele y ganele de manera q me acompaño tres dias con muestras de grande amor y queriendolo el assi, matricule la gente q se le avia allegado para la Visitacion donde me dio palabra de reduzirse, y creo lo cumplira (XIMENEZ, 1635 *apud* CORTESÃO, 1969, p. 100).

Entretanto, em territórios do *Tebiquari*, as lideranças Guarani não demonstraram interesse em alianças com os jesuítas. Ximenez relata que lhes entregou presentes e não insiste. O panorama da visita é a negação de contato amistoso por parte dos indígenas, que se retiravam para territórios mais altos. Salienta a presença do “mus” *Parapopi* a quatro léguas abaixo da boca do *Mboapari*.

Desse modo, a partir dos relatos de Dias Taño e Ximenez, podemos entender que a dinâmica dos Guarani no território em questão, não estava pautada nas alianças para com estes. Contudo, faz-se necessário lembrar que as alianças entre os indígenas eram orquestradas conforme seus interesses, tanto no que se refere a outras parcialidades indígenas Guarani, como de grupos vindos do além mar. Isto fica evidente por meio do relato da negação de contato com o padre Ximenez e o alinhamento das lideranças indígenas em oposição aos jesuítas.

A interpretarmos de eventos envolvendo as movimentações, as alianças e as guerras dos Guarani em territórios das Bacias do Taquari-Antas, Pardo e Jacuí, em nosso ponto de vista é uma possibilidade, mesmo com limitações, de perceber historicidade Guarani. Considerando esta perspectiva é possível contrapor-se aos discursos historiográficos que generalizam os feitos do projeto missionário envolvendo a dominação e submissão Guarani aos pressupostos da cultura ibérica. Em outras palavras, a interpretação dos acontecimentos para os missionários europeus e indígenas Guarani não tinha o mesmo significado.

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou

menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática (SAHLINS, 1990, p. 7).

Utilizando as informações dos sítios arqueológicos e sobre alguns dos primeiros contatos entre os indígenas Guarani e europeus, levantamos a possibilidade de o território em questão tratar-se de um *Guará*. Reforça esta hipótese para o período do contato a rede de alianças contraída pelos grupos Guarani para enfrentarem a chegada dos não índios. A presença de *Yeguacaporu* e seu pai *Chemboabate*, por exemplo, bem como a aliança com outras lideranças visando à adesão de parceiros podem ser um indício, tendo em vista que as relações entre os *Teiî*, *Tekoha* e *Guará* seriam fundamentais para o processo de sociabilidade entre os Guarani, podendo envolver uma “aliança contra outros grupos, reforçando a identidade do grupo ou parcela, *oréva*” (MELIÁ *apud* SOARES, 1987, p. 84). Nesse sentido, Soares destaca que “a popularidade e aceitação das pessoas e dos grupos dentro da aldeia, *teko ’á* ou *guará* pode ser manifestada através da frequência das visitas, *ndachecóti hûbi* - ‘não me visitam’ ou *checotihû tapiara ahe* - ‘continuamente me visita fulano’ ” (SOARES, 1997, p. 151).

Tratando-se das relações de poder envolvendo as lideranças Guarani, temos:

Os primeiros séculos de contato dão-se por meio do reconhecimento de um cacique geral, dito aqui como *mburuvichá* ou *tuvichá-ruvichá*, que domina extensos territórios e, por sua vez, é cacique de outros caciques, ou seja, consegue cooptar caciques de diversos *teko ’ás* em ações de grande porte. Os casos mais citados são o de Taioaba, próximo à Vila Rica, no Guairá, que consta como região na cartografia da época, entre os rios Tibagi e Ivaí. (SOARES, 1997, p. 339).

É relevante ainda salientar as ligações entre os Tekohá, por meio de caminhos geralmente compostos por trilhas dentro da mata, os quais são descritos desde o século XVI (SOARES, 1997). Sobre essa rede de relações entre os grupos pelo território, havia mensageiros que percorriam os caminhos e divulgavam as informações.

Se durante o período reducional os jesuítas vão fazer largo uso deste mensageiro, pode-se observar que a prática é anterior à conquista, pois os convites e convocatórias já eram realizados, tanto para uma festa quanto para uma guerra: *opareháramo chemondó, mbiá mononoonga* ‘enviou-me por seu correio ajuntar a gente’. (SOARES, 1997, p. 149).

Retomando a análise das informações a partir da abordagem etnohistórica sobre os Guarani em territórios das bacias do Taquari-Antas, Pardo e Jacuí obtidas pelos vestígios arqueológicos para o período do Pré-contato, bem como envolvendo as relações com os jesuítas no período do Contato, é possível identificar historicidades Guarani. Ou seja, durante o Pré-Contato, os sítios arqueológicos com a cultura material lítica e cerâmica nos possibilitam perceber uma lógica indígena Guarani na ocupação do espaço territorial, bem como sua utilização para os cultivos, caça e pesca. Tratando-se do período do Contato, nos parece haver uma continuidade na ocupação e movimentação Guarani pelo mesmo espaço territorial em que relações ora de aliança e ora de guerra entre Guarani x Guarani e Guarani x Jesuítas são orquestradas por uma lógica prescrita na cultura e pelo jeito de ser Guarani.

5 CONCLUSÃO

O trabalho, recorrendo a resultados preliminares e com base na abordagem etnohistórica, visando ao diálogo interdisciplinar na análise de informações arqueológicas e históricas, apresenta algumas possibilidades de historicidades Guarani. A análise foi centrada nos aspectos da

territorialidade guarani e nas relações destes com os espaços geográficos, para os quais recorreremos aos dados e cronologias arqueológicas. Os limites que a etnohistória nos apresenta no processo de análise consistem, principalmente, nas lacunas sobre os Guarani nas fontes escritas e no subjetivismo presente nas narrativas das mesmas. Tendo presente esta limitação, procuramos ser cautelosos nas análises, mas acreditamos ter trazido para visibilidade algumas informações sobre as historicidades e protagonismos Guarani.

No caso em estudo, a etnohistória como metodologia possibilita a utilização de conhecimentos sobre a localização dos sítios arqueológicos em áreas das bacias hidrográficas analisadas com o intuito de apresentar um panorama espacial e temporal de ocupação Guarani. Salientamos que os espaços localizados em territórios regados pelos rios das bacias do Taquari-Antas, Pardo e Jacuí tiveram colonizações longas e contínuas de sociedades horticultoras, como a Guarani. Portanto, por meio de um rol de sítios arqueológicos e da cultura material catalogada pelo setor de arqueologia, constatamos que essa sociedade manejou o espaço e a paisagem constituindo moradias temporárias e perenes, além de alongar-se em sua mobilidade por caminhos e picadas. É possível que, para muitos Guarani, seja este o momento de contato inicial com o europeu, mas tendo em vista que se trata de uma história complexa entre culturas distintas, que marcaram a vida de ambas e que também se estendeu para além do século XVII.

NOTAS

¹ Dentre os historiadores que criticam este tipo de abordagem, temos a obra de François Furet, “A Oficina da História” (s.d.) e a de François Dosse, “A História em Migalhas” (1992).

² A terminologia etnohistória, Antropologia Histórica ou História Antropológica, quando usada, merece profunda atenção, pois alguns autores a utilizam como sinonímia, enquanto outros não. Esta situação fica bastante evidente em autores como Burguière (1978), Dosse (1992), Lorandí e del Río (1992), Carbonel (1993), Cabrera Perez (1995) e Ferreira Neto (1997). Dentre os historiadores que criticam este tipo de abordagem, temos a obra de François Furet, “A Oficina da História” (s.d.) e a de François Dosse, “A História em Migalhas” (1992).

³ Referente ao uso deste tipo de fonte, Scatamacchia (1988) enfatiza ser mais comum os arqueólogos que trabalham com Etnohistória, se interessarem em aprender a linguagem histórica e etnográfica do que os historiadores e/ou demais profissionais que trabalham com esta abordagem preocuparem-se com os métodos e técnicas arqueológicas.

⁴ Relacionados aos conhecimentos produzidos através da História Oral e que contribuem profundamente na análise de historicidades indígenas no Vale do Taquari, são os estudos “Essa terra já era nossa: um estudo histórico sobre o grupo Kaingang na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul (2010) de Marilda Dolores Oliveira e “Territorialidade Kaingang: um estudo da aldeia Kaingang Linha Glória, Estrela – RS” (2011), de Juciane Beatriz Sehn da Silva. Um outro exemplo relacionado aos nativos Terena do Mato Grosso do Sul, é o artigo “Questões indígenas em contextos urbanos: outros olhares, novas perspectivas em semoventes fronteiras”(2011), de Vanderléia Paes Leite Mussi.

REFERÊNCIAS

BECKER, Í. I. B. Lideranças Indígenas no Começo das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguai. **Pesquisas**, Antropologia 47. São Leopoldo: IAP, 1992.

- BRASIL, J. F. D.; SOUZA, N. M. de. **Etnohistória**: superação da negação ontológica da diferença. In: II CONGRESSO IBEROAMERICANO DE ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA E ETNOHISTÓRIA. Sociedades Tradicionais e Patrimônio Cultural em Iberoamerica. 2, 2012. Dourados, MS/Brasil. (Texto digital). 2012.
- BURGUIÈRE, A. A antropologia histórica. In: LE GOFF, J.; CHATIER, R.; REVEZ, J. (org.). **A Nova História**. Coimbra, Portugal: Almedina, 1978. p. 36-61.
- CALEFFI, P. Indianismo e Etnohistória. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA - SBPH, XII, 1992. Porto Alegre: **Anais...** Porto Alegre: 1996. p. 101-103.
- CABRERA PEREZ, L. Simpósio “Etnohistoria”. Presentacion. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA URUGUAYA, 8, 1994, Maldonado. **Anais...** Montevideo: SURCOS, 1995. p. 219-224.
- CARBONEL, C. O. Antropología, etnologia e historia: la tercera generación en Francia. New History, Nouvelle Histoire: Hacia una Nueva Historia. **Actas**, Madrid: 1993. p. 91-100.
- CAVALCANTE, T. L. V. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da Pesquisa. **História** (São Paulo), v. 30, n. 1, p. 349-371, jan./jun. 2011.
- CARMACK, R. M. La etnohistoria: una reseña de su desarrollo, definiciones, metodos y objetivos. **Cuadernos del Seminario de Integración Social Guatemalteca**. Guatemala: Ministério de Educación, n. 26, 1979. 47 p.
- CLASTRES, P. **Investigaciones en Antropología Política**. Barcelona: GEDISA, 1977.
- CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- CORTESÃO, J. (ed). **Manuscritos da coleção de Angelis (jesuítas e bandeirantes...)**, v. III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.
- DOSSE, F. A Antropologia histórica. In: **A História em migalhas**: dos “Annales” à “Nova História”. São Paulo: UNICAMP, 1992. p. 167-180.
- FERREIRA NETO, E. História e etnia. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). **Domínios da História**: Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, Cap. 14, p. 313-328.
- FIEGENBAUM, J. **Um assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS**. 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, UNISINOS. São Leopoldo, 2009.
- FURET, F. **A Oficina da História**. Lisboa: Gradiva, [s.d.]. v. 1.
- HAESBAERT, R.. Desterritorialização: entre redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia**: conceitos e tema. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 165-205.
- HAESBAERT, R. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**. Caxias do Sul, n. 3. jan./jun. 2010. p. 2-24.

JIMÉNEZ NÚÑEZ, A. Sobre el concepto de Etnohistoria. In: **Primera Reunión de Antropólogos españoles**. Sevilha: Universidade de Sevilha, 1975, p. 91-105.

KLAMT, S. C. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor de tradição ceramista Tupi-guarani**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KREUTZ, M. R. **O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari – Rio Grande do Sul**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

LANGER, P. P. A história indígena nas epistemologias coloniais. In: II CONGRESSO IBEROAMERICANO DE ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA E ETNO-HISTÓRIA. Sociedades Tradicionais e Patrimônio Cultural em Iberoamerica, 2, 2012. Dourados, MS/Brasil. (Texto digital). 2012.

LANGER, P. P. (Org.); CHAMORRO, G. (Org.). **Missões, Militância Indigenista e Protagonismo Indígena**. São Bernardo do Campo/SP: Nhanduti, 2012.

LARAIA, R. de B. Uma etno-história Tupi. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 27/28, p. 25-32, 1984/1985.

LE GOFF, J. História. In: _____. **Enciclopédia Einaudi: Memória-História**, v. 1. Porto: Imprensa Nacional, 1984. p. 158-259.

LORANDI, A. M.; DEL RÍO, M. **La etnohistoria. Etnogénesis y transformaciones sociales andinas**. Buenos Aires: Centro Editor da América Latina, 1992.

MACHADO, N. T. G.; RELLY, E.; SCHNEIDER, P. **Do Taiaçuapé a Colinas**. Lajeado: Editora da UNIVATES, 2008.

MACHADO, N. T. G.; SCHNEIDER, P.; SCHNEIDER, F. Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. **Cerâmica**. 54. 2008. p.103-109.

MANUSCRITO da **Coleção De Angelis (jesuítas e bandeirantes...)**. v. III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. Organizado por Jaime Cortesão.

MELIÀ, B.; SAUL, M. V. de A.; MURARO, V. F. **O Guarani**; Uma bibliografia etnológica. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987.

MUSSI, V. P. L. Questões indígenas em contextos urbanos: outros olhares, novas perspectivas em semoventes fronteiras. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 15. n. 2. maio/agosto, 2011. p. 206-215.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Jacuí-RS**. 1993. 381 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1993.

OLIVEIRA, A. P. de P. L. de. **A Etno-história como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <www.ufjf.br/maea/files/2009/10/a_etnohistoria.pdf>. Acesso em:

OLIVEIRA, M. D. **Essa terra já era nossa**: um estudo histórico sobre o grupo Kaingang na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. 2010. 89 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2010.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

RAMOS, A. R. **Sociedades Indígenas**. São Paulo: Ática, 1988.

ROGGE, J. H. Fenômeno de Fronteira: Um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. **Pesquisas Antropologia**, n. 62. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2004.

SANTOS, R. M.; ELOY, L. Etno-história na oralidade Xakriabá: retomando o rio São Francisco em Minas Gerais, Brasil. In: II CONGRESSO IBEROAMERICANO DE ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA E ETNO-HISTÓRIA. Sociedades Tradicionais e Patrimônio Cultural em Iberoamerica. 2, 2012. Dourados, MS/Brasil. **(Texto digital)**. 2012.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Etnohistoria y Arqueologia: algunas consideraciones sobre la historia indígena. In: **Encuentro de Etnohistoriadores**. Chile: Serie Nuevo Mundo. Cinco siglos. n. 1. 1988. p. 129-137.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SEEGER, A., CASTRO; E. B. V. de. **Terras e territórios indígenas do Brasil**. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, n. 12, p. 101-113, 1979.

SILVA, J. B. S. **Territorialidade Kaingang: um estudo da aldeia Kaingang Linha Glória, Estrela – RS**. 125 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2011.

SOUZA, J. O. C. de. A pesquisa de fontes da Etno-História indígena no RS: notícias prévias. **Revista Veritas**. Porto Alegre: v. 36, n. 143, p. 413-421, set. 1991.

SOUZA, J. O. C. de. O sistema econômico nas sociedades indígenas Guarani pré-coloniais. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 8, n. 18, dez. 2002.

TRIGGER, B. G. Etnohistoria: problemas y perspectivas. **Etnohistory**. v. 29, n. 1. p. 1-29, 1982.

WEIRICH, A. **Índios e brancos no Vale do Taquari durante os séculos XVI e XVII**. 2006. 74 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Univates, Lajeado, 2006.

Data de submissão: 14.10.2013

Data de aceite: 10.12.2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.